

ORIGEM DO MOVIMENTO:

A primeira cidade em que surgiu o movimento foi Porto Alegre. Os gaúchos fazem questão da data exata: 5 de outubro de 1945. Surgiu por contato e influência do movimento Argentino. Pela proximidade geográfica, os chaverim haviam participado em acampamentos argentinos, e organizaram logo após a primeira machané do movimento brasileiro, em 4 Irmãos.

Logo reuniu o movimento de P. Alegre cerca de 300 chaverim. No Rio partindo de um grupo de estudos, que se reuniu na Biblioteca Bialik, atingiu-se a juventude de todas as idades e pontos da cidade. A machané realizada em Petrópolis (março de 1948), veio fixar em bases mais sólidas o movimento.

Em S. Paulo funcionava na R. Prates 93/2º andar, o Centro Juvenil Theodor Herzl, o "centrinho". Foi ele que organizou os primeiros movimentos do Brasil. Foi ele que espalhou idéias sionistas entre a juventude, e de seu seio partiram, finalmente, os grupos que formaram quase todos os movimentos juvenis chalutzianos.

Um dos grupos formados dentro do "centrinho" compunha-se de jovens mais maduros, e definiu-se após alguns meses como grupo politizado, sionista esocialista, mas não educativo e sem planos de aliá. Este grupo viria a fundar o movimento em SP, futuro setor centro do movimento e centro de influência sobre todos os demais setores. Em sua origem, pois, teve o movimento um caráter nitidamente diferente dos demais. Enquanto os outros, em sua origem, haviam sido organizações escáuticas-educativas, surgimos nós de um grupo mais maduro e politizado. Isto viria a influenciar profundamente em todo o caráter de nosso movimento.

Mas quem eram os chaverim que criaram o movimento, e porque ele foi criado?

SP O movimento surgiu em meio ao judaísmo em franca assimilação. A coletividade judaica era de formação recente, essencialmente formada de imigrantes da Europa e refugiados e imigrantes judeus em geral que vieram após a II Guerra.

A situação econômica do judaísmo brasileiro desenvolve-se brilhantemente. Concentram-se nas posições econômicas típicas de intermediários comerciais, móveis, indústrias de vestimentos, calçados, etc.

A juventude em geral é o reflexo da coletividade em assimilação, agravado ainda por já tratar-se da 2ª geração, que vai perdendo a ligação tradicional ao povo que tinham os seus pais.

Neste ambiente de pobreza em si de vida, que levava a juventude, a grande utopia, a conclusão heróica do reerguimento em base de igualdade e justiça social, que o homem não explorasse o homem, do Estado Judeu. E muito mais, no kibutz, a sociedade mais livre e mais avançada, enfim, a concretização do mais ousado sonho nacional e social que homens jamais

havia ousado sonhar, isto abalou toda a parte melhor e mais idealista da juventude judaica, fê-la erguer-se e dispôr-se de corpo e alma à grande missão que os tempos lhe ofereciam.

Mais tarde a união de sentimento e ideologia formariam, então, a força viva para o pensamento e a ação do movimento.

EXPANSÃO, DESENVOLVIMENTO E BASES IDEOLÓGICAS

1948 FOI o ano de expansão do movimento, em todas as cidades realizaram-se 3 grandes machanot, no começo e meio do ano.

Na expansão em SP evidenciou-se o caráter específico de seu grupo formador. Ao contrário das demais organizações expandiu-se o movimento de cima para baixo, formando primeiro uma grande camada mais velha, e apenas depois chegando aos mais jovens. Formaram-se as primeiras kvutzot, partiu-se para o trabalho educativo, cristalizou-se a espinha dorsal de sucessivos grupos de madrichim e dirigentes nacionais e regionais, durante anos.

Afirmou-se como movimento sionista-socialista, que vê no kibutz o lugar de realização dos ideais. Sionista, porque achamos que o caminho do reerguimento nacional do nosso povo não é apenas o melhor e mais rico, como também o único que há a seguir. Nosso lugar de realização de vida é o kibutz porque ele é a forma mais perfeita, dentre as imperfeitas possibilidades da natureza humana, de concretizar nossa aspiração de construção nacional e justiça social.

Somos um movimento político-revolucionário, porque defendemos uma determinada organização da sociedade e concepção de vida e porque esta deve ser ainda construída ou alcançada e representa a negação e transformação das bases da sociedade atual.

Somos um movimento de vanguarda na coletividade judaica, mas não na elite, pois temos a mais profunda desconfiança com relação a tais "elites", que pelo seu aristocracismo político perderam todo o contato com a realidade e suas exigências no meio que viviam.

Na nossa organização interna somos um movimento democrático, centralizado estruturado em forma de pirâmide, e interdependente.

Nossas diretrizes e atividades são em primeira instância aprovadas previamente em veidot (congressos) e o debate absolutamente livre, mas uma vez etapa resolvida, vencedores e vencidos reúnem-se na execução da orientação aprovada. Somos absolutamente livres em pensamento, mas disciplinados na ação comum.

Nosso processamento interno funciona através de equipes de trabalho (vaadot), equipes de chaverim que pela atividade conjunta criam formas de trabalho comum.

Somos um movimento educativo que visa 3 partes: a formação nacional, social e para o kibutz.

Fortalecemos a ligação do nosso educando com o povo judeu, sua história e sua cultura. Damos fundamental importância a história da mais recente criação do nosso povo: o Estado de Israel. Pretendemos procurar criar um homem mais justo com elementos que o possibilitam optar por um

caminho, e não simplesmente que seja levado pelo mais fácil.

Assim se definiu o movimento em termos de ideais, no início.

O KIBUTZ HACHSHARÁ

Foi resolvido em agosto de 1948 a criação de um kibutz hachshará, kibutz de preparação que formasse o chaver para a futura vida no kibutz. O local foi a 16 km de Jundiaí.

A sua criação foi devido a constatação da inexistência de um forte conteúdo ideológico, suficiente para conseguir de imediato a partida de elementos mais velhos devido a necessidade de passar um certo período, uma vida grupal, aprender o trabalho agrícola para melhor adaptação a futura vida em Israel.

Cada ano se fixava na Hachshará o grupo mais velho do movimento, viviam conforme imaginavam ser a vida do kibutz, trabalho agrícola e assim se preparava. Em resumo, visava formar um bom grupo de trabalho, habituado aos labores da vida agrícola, um grupo atingindo um amálgama social coeso e forte e um grupo com personalidade política definida, isto é, com consequência do que era, do que representava, do que queria.

O ABANDONO DOS ESTUDOS

A possibilidade que o movimento possui de abalar a coletividade judaica em que vive atingiu o máximo no dia 2 de maio de 1960, quando correu por SP a notícia de que 40 chaverim do movimento, sua parte mais adulta e representativa, havia resolvido abandonar suas ocupações e estudos universitários e pré-universitários para dedicar-se integralmente à militância no movimento. A reação da comunidade e dos pais, principalmente contra o abandono dos estudos - o mais profundo golpe que pode receber um judeu que enriqueceu e ambiciona ter um filho "doctor" - foi tempestuosa.

Como, porque aconteceu? A resolução partiu como conclusão coletiva após um seminário de 3 dias, o hoje famoso Seminário da Lapa, em que se fizera uma análise profunda da situação do movimento, seu futuro, e do futuro dos seus membros. A resolução representava o passo final da coerência com as convicções de cada chaver, segundo as quais o futuro deste não deveria encaminhar-se pelas veredas de uma profissão liberal na Golá, mas pelo caminho de um kibutz em Israel.

O mundo em 1950 era um mundo de realidade. Havia passado a fase de entusiasmo de 1948, onde um homem deixava a profissão, os estudos e a casa e ia à Israel viver e lutar em um kibutz. Em 1950 não havia mais isto.

Havia um completo abismo na vida diária dos chaverim e o que viviam no futuro. Como chegaria o jovem que vivia a vida de seu meio, os valores de seu meio, que trabalhava na loja de seu pai ou que estudava alguma profissão liberal universitária ou se preparava para isto, como chegaria este jovem até a aliá? Ou bem ele se preparava para uma profissão liberal na Golá ou bem ele se preparasse para o kibutz.

Portanto a decisão tomada foi o passo final da coerência com os ideais e metas do movimento. Levou-se até as últimas consequências.

Depois do Seminário da Lapa, o movimento partiu para uma "blitz"

na comunidade a respeito da decisão tomada. Explicou-se aos chaverim mais jovens, efetuou-se seminários e procurou-se orientar os jovens a fim de que aprendessem profissões técnicas da vida kibutziana.

O êxito deste trabalho, que é longo, difícil, e contrabalançado pelo meio ambiente, foi decisivo para o futuro do movimento, e também bastante satisfatório.

NO KIBUTZ EM ISRAEL

E assim o movimento foi se desenvolvendo, dinâmico na sua própria ação. Os chaverim em garinim foram fazendo aliá, primeiro para Mefal-sim, depois para Afiquim, onde passaram período de preparação, fizeram exército, etc.

Após esse período, os chaverim se instalaram em Bror Chail, onde haviam famílias egípcias e lá começaram a construção do kibutz. Para lá seguiram os próximos garinim, fortalecendo a base. Bror Chail se tornou a grande criação do movimento brasileiro.

A CRISE SIONISTA DO MOVIMENTO

Mas voltando ao movimento. Foi em 1952. De dentro do movimento ergueram-se opiniões propondo a mudança de orientação política deste, ou seja sua transformação em movimento socialista local, porque o "sionismo não é a solução política para o problema judeu". Foi esta a chamada crise sionista do movimento, produto de um caminho errado que este vinha seguido à vários meses.

Foi uma época em que havia uma mínima influência educativa por parte e se dava ênfase a problemas sociais no destino do movimento socialista mundial, na diferenciação de mentalidade burguesa e proletária, e cada vez menos se enfatizava o sionismo e os valores e problemas materiais de nosso povo.

Esta crise irrompeu quando dos mais importantes chaverim da Mazkirut Peilá propôs a transformação do movimento em juventude socialista local, argumentando que o socialismo realizador sempre é feito por pequenos grupos idealistas e que a massa judaica da Golá não possui consciência sionista verdadeira sendo tão somente um sionismo filantrópico. Argumentava em contrapartida que o socialismo traria solução para o povo judeu, o problema judaico, abarcando toda a massa.

A maior parte dos chaverim em debate organizado reagiu a esta tendência respondendo que uma "nacionalidade não é suicida" e se os judeus tivessem que escolher entre socialismo e nacionalidade, escolheria nacionalidade. Mas por uma razão muito simples: porque o Estado é uma realidade, problemas dediásporas inteiras enquanto que os representantes da aspiração, ou sejam os socialistas, ou para quem quiser os comunistas, não conseguiram fazer nada de prático ou concreto, durante uma que fosse das chacinas de judeus nos tempos modernos.

Terminada a reunião ficou claro que o chaver que propôs a mudança se retirou, sem abalar o movimento. Nos meses seguintes o movimento iniciou gradativamente a volta ao sionismo, num processo integrado.